

Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal

Self-medication in students: a cross sectional study

Inez Cristhina Palitot Clementino Remígio Leite^{1, 4}, Monalisa Maria Sá Cavalcante Ayres Furtado², Sussane dos Santos Rocha², Saulo Rios Mariz³, Thompson Lopes de Oliveira⁴, Ana Paula Peron², Carlos Murilo Lopes⁴, Iana Bantim Felício Calou², Gilberto Santos Cerqueira^{2*}

¹Programa de Pós graduação em Ciências da Saúde da Universidade Cruzeiro do Sul

²Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos

³Centro de Ciências Biológicas e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande ⁴Centro de Ciência e Saúde Universidade Federal da Paraíba

*Correspondência:

E-mail: giufarmacia@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi traçar o perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem em um município do sertão do estado da Paraíba. Foi realizado um estudo analítico transversal randomizado no período de agosto a dezembro de 2005, onde foram entrevistados 105 acadêmicos de Enfermagem. Foram utilizados para a entrevista questionários estruturados padronizados. Dos entrevistados, 100% utilizaram medicamentos e destes 69,33% o fizeram através de automedicação. Os analgésicos foram os medicamentos mais utilizados (50,4%). Dos acadêmicos que se automedicaram 48,6% não souberam informar os riscos desta prática, 12,3% dos indivíduos se automedicaram apresentaram problemas devido ao uso de medicamentos sendo a reação alérgica evidenciada em 50% desses acadêmicos. Os resultados demonstram que a automedicação semelhante à observada em países desenvolvidos, ficando evidente a necessidade de se realizarem campanhas informativas e conscientizadoras sobre os riscos da automedicação e promoção para uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Medicamentos. Prescrição de medicamentos. Saúde Coletiva.

ABSTRACT

The aim of this study was to establish the profile of self-medication in nursing students in the state of Paraíba. We conducted a randomized cross-sectional study from August to December 2005, where respondents were 105 nursing students. Were used to interview standardized structured questionnaires. Of the respondents, 100% used these drugs and 69.33% were self medicated. Painkillers were the most frequently used medications (50.4%). The students who self-medicated 48,6% were unable to risks of this practice, 12,3% of subjects self-medicated presented problems due to medication use and allergic reaction seen in 50% of academics. The results show that self-medication similar to that observed in developed countries, thus demonstrating the need to carry out campaigns to alert about the risks of selfmedication and to promote rational drug use.

Keywords: Self-medication. Medicine consumption. Prescriptions drug. Collective health.

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática bastante difundida não apenas no Brasil, mas também em outros países. A automedicação consiste na "seleção e uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas e deve ser entendida como um dos elementos do autocuidado" (SCHMID, et al., 2010).

A automedicação coloca em risco a saúde da população em geral. Essa prática pode acentuar os riscos relacionados aos medicamentos prescritos, retardar o diagnóstico adequado e mascarar uma doença, e rotineiramente essa prática é estimulada por propaganda de medicamentos, indicação de amigos e vizinho (BORTOLON et al., 2008; SANTOS et al., 2013)

A propaganda de medicamentos nos meios de comunicação de massa constitui um estímulo freqüente para a automedicação, pois explora o desconhecimento dos consumidores acerca dos produtos e seus efeitos adversos (NASCIMENTO, 2003; SERVIDONI et al., 2005).

Diversos fatores como econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo, tornando-a um problema de saúde pública. Mais disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamento (LOYOLA FILHO, et al., 2002). Uma automedicação equivocada pode trazer sérias conseqüências para o indivíduo que dela se vale, tais como mascaramento de doenças evolutivas, enfermidades iatrogênicas e diversos efeitos indesejáveis.

Em nosso país, onde a maioria da população possui escassa instrução e informação com relação a medicamentos e seu uso correto, a prática da automedicação torna-se ainda mais arriscada. Ainda não possuímos controles rígidos estipulados por agências reguladoras, além do fraco envolvimento de profissionais da área da saúde com a orientação dos usuários (VILARINO et al., 1998).

Inúmeros fatores favorecem o uso irracional de medicamentos, como a prática de venda indiscriminada de medicamentos por farmácias brasileiras, a propaganda de medicamentos de venda livre na mídia, sistema de saúde inadequado e custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulare e o não-cumprimento da obrigatoriedade da apresentação de receita médica faz com que existam no Brasil cerca de 80 milhões de pessoas adeptas da automedicação (IVANNISSEVICH, 1994; SERVIDONI et al., 2006;

SCHMID, et al., 2010). Baseado nessas premissas o presente estudo teve como objetivo traçar o perfil da automedicação entre acadêmicos de enfermagem em um município do alto sertão da Paraíba.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo exploratório descrito, transversal com abordagem quantitativa com acadêmicos de Enfermagem do alto sertão da Paraíba. Para se calcular o tamanho da amostra, utilizou-se a população de 1.057 acadêmicos, dos quais 560 indivíduos são do curso de Enfermagem. Dessa maneira, foi obtida, inicialmente, como amostra ideal para o desenvolvimento deste estudo, um grupo de 105 acadêmicos.

O estudo foi realizado na faculdade sendo que os voluntários foram selecionados obedecendo aos seguintes critérios de inclusão: Ser aluno o matriculado regularmente no curso de enfermagem e aceitar participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada após um estudo piloto prévio, utilizado um questionário baseado nos estudos de Cerqueira et al. (2005). Antes da aplicação, os indivíduos foram instruídos sobre a natureza voluntária do estudo e lhes foi garantido o sigilo, pelo anonimato. Para tanto foi apresentado a cada participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução 196/96 (BRASIL, 1996). A equipe básica para coleta de dados foi composta por dois estudantes e dois pesquisadores, previamente treinados para a aplicação do questionário.

Após as entrevistas, os medicamentos foram classificados segundo o sistema de Classificação "Anatômica, Terapêutica e Química" (ATC), do "Nordic Council on Medicines", versão 2003. O registro de medicamentos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Dicionário de Especialidades Farmacêuticas (DEF) foram utilizados para identificar a composição das especialidades e a página eletrônica da OMS para proceder à classificação. Foi possível codificar todos os medicamentos cuja composição foi localizada em uma das fontes citadas.

A análise dos dados foi do tipo descritivo, a fim de identificar a prevalência da automedicação. O teste do qui-quadrado (χ^2) foi aplicado para verificar a associação entre as variáveis estudadas, ao nível de significância de 5%. Foi utilizado para organização do banco de dados o programa de computador "Excel" versão 2003 e como instrumento de análise estatística o aplicativo Graph Pad Prisma versão 5.0. Este estudo foi aprovado

pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HULW da Universidade Federal da Paraíba (CAAE: 21327813.8.0000.5183) Esse estudo não possui nenhum conflito de interesses seguindo os preceitos do conselho nacional de saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa evidenciou que a maioria dos estudantes estavam matriculados no período diurno, eram do sexo feminino (51,18%). Em relação à faixa etária, o maior índice encontra-se entre os jovens de 18 a 24.

Verificou-se que 69,29% dos participantes realizaram a prática da automedicação nos últimos seis meses, demonstrando que existe uma diferença estatisticamente significativa entre automedicação entre os sexos, sendo mais prevalente no sexo feminino ($X^2=10,83$, $p=0,49$) (Tabela 1).

Tabela 1- Automedicação segundo o gênero.

	n	%	n	%	X^2	pvalor
	Automedicação					
Mas.	23	18,11	22	17,32	10,83	0,001
Fem.	65	51,18	17	13,39		

Legenda: Valores significativos $p<0,05$ pelo do Teste quiquadrado.

Estes resultados elevados de automedicação convergem com estudos internacionais realizados em diversos países como Palestina (98%), México (96%), Espanha (90,8%) Portugal (90,7%), Argentina (85%), Chile (64,7%) e bem como em diversas cidades brasileiras: João Pessoa, PB (88%), Salgueiro, Pe (77%), Recife, Pe Curitiba, PR (72%), (65,%), Santa María, Rio Grande do Sul (53,3%) (HOLTHAUSEN, et al 2001; RIEDEMANN et al., 2001; CELIS; NAVA, 2004; AGUADO et al., 2005; CERQUEIRA et al., 2005; SAWALHA, 2008; FREITAS et al., 2008; RIBEIRO et al., 2010; SÁIZ et al., 2010). Porém divergem dos estudos realizados em estudantes do Equador (16,2%) (PAREDES et al., 2008), e dos estudos de Menezes et al. 2004 que observaram automedicação em cerca (37%) dos entrevistados.

Em estudos realizados em profissionais de enfermagem da rede básica da cidade de Pelotas foi de 32,4%, já no Rio de Janeiro a prevalência da automedicação foi 24,2% (TOMASI et al., 2007;

BARROS et al., 2009). Demonstrando que a prática da automedicação realizada na graduação pode se continuada na vida profissional.

A automedicação é reconhecida como fenômeno de auto cuidado com a saúde, o qual, até certo ponto, é inevitável. Por isso, a Organização Mundial de Saúde tem procurado avaliar seu impacto, benefícios e riscos sobre a saúde (SCHENKEL, 1991; WHO, 1989).

O índice de automedicação elevado no sexo feminino é justificado pelo fato de o curso de graduação em Enfermagem possuir uma maior quantidade de indivíduos do sexo feminino (CERQUEIRA et al., 2005). Para Penna e colaboradores (2004), analisando os resultados obtidos da automedicação em Universitários do Campus da cidade de Barbacena, Minas Gerais verificou que 83,7% dos entrevistados na área de saúde eram do sexo feminino, enquanto que 16,3% eram do sexo masculino. Isso pode ser em parte explicado pelo fato de as mulheres serem mais submetidas à medicalização, se cuidarem mais e freqüentarem, mais intensivamente os serviços de saúde.

O poder de discernimento dos indivíduos, instruídos ou não, sobre a capacidade de se administrar um fármaco encontra-se decadente consolidando um hábito prejudicial, curativo, podendo ser dispendioso aos adeptos. A prática de automedicação atinge ambos os sexos e diversas camadas sociais, porém a mulher pode correr mais riscos por diversos motivos tais o metabolismo hormonal diferenciado e na gravidez onde as mesmas correm o risco de teratogênese fetal.

Quando os acadêmicos foram questionados sobre quais os motivos que os fizeram utilizar alguma medicação, os participantes referiram motivos diversos sendo os mais comum a influencia de parente 32,69%, influencia de amigos e profissionais de saúde e balconista de farmácia 3,9% . As farmácias desempenham um papel importante entre os elos que integram a cadeia de produção e utilização dos medicamentos, responsáveis que são por sua dispensação e comercialização. Na verdade, as farmácias passaram a ser meros estabelecimentos comerciais. Neste contexto, os balconistas atuam como verdadeiros prescritores e agem favorecendo o uso inadequado dos medicamentos, para o que contribui, igualmente, a persistência de todo um conjunto de determinantes que fazem a população optar pelos medicamentos como fonte de saúde e pela farmácia como substituto dos serviços de saúde e

do médico (BARROS, 1997; SÁ et al., 2007).

Entre aqueles que fizeram o uso de medicamentos sem receita médica houve predomínio das seguintes categorias terapêuticas: os analgésicos e anti-térmicos (50,4%), antiespasmódicos (14,35%), antiinflamatórios não esteroidais (5,72%), anti-ácidos/anti-ulcerosos (5,72%), anti-bióticos e vitaminas (3,81%), entre outros (tabela 2). Diversos trabalhos na literatura também demonstram os analgésicos como os medicamentos mais utilizados em seus estudos com resultados próximos ao nosso, variando de 81,18% e 43,4%, respectivamente (AGUADO et al., 2005; CERQUEIRA et al., 2005; BARROS, 2009 RIBEIRO et al., 2010; SÁIZ et al., 2010). Os analgésicos, por exemplo, normalmente subestimados pela população no tocante aos riscos inerentes à sua administração pode causar reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, além de poder aumentar o risco para determinadas neoplasias e ainda mascarar a doença de base que, por sua vez, poderá progredir (NETO et al., 2006). Segundo Martinez et al. (2014), os estudantes e os profissionais da área da saúde teoricamente conhecem os medicamentos e seus riscos, portanto deveriam evitar a automedicação e ser um agente de promoção da saúde quanto ao uso correto de medicamentos.

Tabela 2- Distribuição de Medicamentos segundo a classe terapêutica de acordo com Anatomical Therapeutic Chemical Classification (ATC).

Medicamento	ATC	n	%
Analgésicos e Anti-térmicos	N02	53	50,4
Anti espasmódicos, anticolinérgicos	A03	15	14,35
Anti-inflamatório e and antireumático	MO1	6	5,72
Anti-ácidos, medicação para o tratamento de ulcera péptica e flatulência	A02	6	5,72
Antibacteriano	J01	4	3,81
Vitaminas	A11	4	3,81
Antigripal	R05XB	4	3,81
Preparação Anti-obesidade	A08	3	2,85
Anti-histamínico de uso sistêmico	R16	3	2,85
Ansiolíticos	N05b	2	1,91
Anti-parasitários	P	2	1,91
Anti-eméticos e anti-nauseantes	A16	2	1,91
Laxativos	A09, 04	1	0,95

Estudos sobre automedicação em estudantes da cidade de Lisboa, Portugal foi constatado que os subgrupos dos analgésicos, antipiréticos e antiinflamatórios foi em torno de 21,9% (CABRITA et al., 2001). Foi verificada uma freqüência de utilização de antibióticos em torno de 3,81% é importante salientar que o uso abusivo de antibióticos, sem qualquer critério, além de freqüentemente ser desprovido de eficácia, pode facilitar o aparecimento de cêpas de microorganismos resistentes, com óbvias repercussões clínicas e prognósticas e formação de super-bactérias resistente como a KPC *Klebsiella pneumoniae carbapenemases* (SHANNON et al., 2009).

Entre os estudantes que se automedicaram, 5,76% afirmaram o aparecimento de problemas devidos à automedicação, tais como efeitos colaterais, reações adversas e alergias. Dentre os problemas observados com mais freqüência encontram-se os processos alérgicos seguidos de efeitos colaterais/adversos. Isso evidencia o auto-risco de praticar o uso indiscriminado de medicamentos. Ribeiro e colaboradores (2010), não encontraram associação estatisticamente significativamente, no que diz respeito ao conhecimento dos efeitos adversos variáveis idade corroborando com os nossos estudos.

A prática de se automedicar pode comprometer a saúde uma vez que, antes de sanar, tende a maximizar o problema ou trazer complicações indesejadas, ou seja, a automedicação pode mascarar a doença, podendo comprometer o diagnóstico e o tratamento precoce de uma morbidade mais grave. Soma-se, ainda, a esta atitude os riscos de intoxicações e reações alérgicas (BAGGIO; FORMAGGIO, 2009).

Verificou-se que 23,07% dos acadêmicos que se automedicaram procuram o profissional farmacêutico, enquanto 94,23% não procuram esse profissional. (Figura 1). Nos países desenvolvidos onde a presença do farmacêutico é constante na farmácia associados aos rígidos controles estabelecidos pelas agências reguladoras e o crescente envolvimento dos farmacêuticos com a orientação dos usuários de medicamentos, tornam menos problemática a prática da automedicação (ARRAIS et al., 1997). O farmacêutico é um profissional preparado para identificação de reações adversas a fármaco bem como para promover o uso racional de medicamento. O farmacêutico é o profissional que conhece os aspectos do medicamento e, portanto, ele pode dar uma informação privilegiada às pessoas que o procuram, na farmácia (SOUSA et al., 2008).

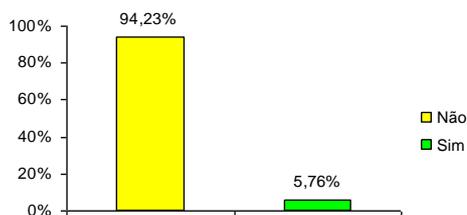


Figura 1- Relação dos acadêmicos que se automedicaram procuram o profissional farmacêutico.

CONCLUSÃO

Constatou-se que a automedicação é uma prática rotineira entre os acadêmicos de Enfermagem, mesmo tendo conhecimento dos riscos e benefícios. Além disso, esta prática demonstrou-se prevalentemente pela autoconfiança, falta de recursos para atendimento médico e influência de balconistas, sendo que a automedicação pode acarretar vários prejuízos à saúde do indivíduo.

Em relação às precauções na prevenção da automedicação torna-se necessário políticas públicas para evitar a automedicação, como a melhoria do acesso ao atendimento médicos, visitas domiciliares pela equipe de saúde da família, além de campanhas de educação em saúde para o esclarecimento dos riscos da automedicação. Além disso, é de extrema importância a realização de campanhas para promover o uso racional de medicamento já que esses futuros profissionais também participam da etapa de orientação do uso de medicamentos.

REFERÊNCIAS:

- ARRAIS, PSD. et al . Perfil da automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 1, Feb. 1997.
- BAGGIO, MA; FORMAGGIO, FM. Automedicação: desvelando o descuido de si dos profissionais de enfermagem. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2009 abr/jun; 17(2):224-8
- BARROS, ARR; GRIEP, RH, ROTENBERG, L. Self-medication among nursing workers from public hospitals. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 6, dez. 2009.
- BARROS JAC. A atuação dos balconistas de farmácia – Ajudando a promover o uso racional de medicamentos? **Jornal Brasileiro de Medicina** 1997; 73(2): 120-127.
- BORTOLON PC, MEDEIROS EFF, NAVES JOE, KARNIKOWSKI MGO, NÓBREGA OT. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Cienc Saude Coletiva**. 2008;14(4):1219-26.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. *Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: (Res. CNS 196/96 e outros)* Brasília, DF, 1996.
- Cabrita, J. *et al.* Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**. 19 : 2 (2001) 39-47.
- CELIS, ESP; NAVA, YR. Patrones de autoatención y automedicación entre la población estudiantil universitaria de la ciudad de Puebla. **Elementos** 55 - 56 , 2004 , p p . 43 - 51.
- CERQUEIRA GS, DINIZ MFFM, LUCENA GP, DANTAS AF. Perfil da automedicação em acadêmicos de enfermagem na cidade de João Pessoa. **Conceitos**. 2005;(6)11/12: 223-29.
- FIGUEIRAS A, CAAMAÑO F, GESTAL-OTERO. Sociodemographic factors related to selfmedication in Spain. **Eur J Epidemiol** 2000 ; 16 : 19 - 26 .
- FREITAS, VM et al . Freqüência de uso de inibidores de fosfodiesterase-5 por estudantes universitários. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 5, Oct. 2008.
- AGID ACEVEDO DV, VALLE AA, TOLEDO JLM. Características de la adquisición de medicamentos en Morelia (Michoacán, México). **Bol Oficina Sanit Panam**;119:237-42, 1995.
- AGUADO M, NUÑEZ MB, ANTOLA, LS, BREGNA, C. Automedicación en Estudiantes de Farmacia de la Universidad Nacional del Nordeste, Argentina. **Acta Farm. Bonaerense** 24 (2): 271-6 (2005)

- HERREIRAS,T; MARTINEZ, M. Automedicação, em Curitiba. **Infarma**, nº 20, Maio/Junho 2000.
- HOLTHAUSEN, CN; MIGUEL, M. D. Automedicação e os acadêmicos da área da Saúde. **Infarma**, nº 24, Janeiro/Fevereiro 2001.
- HUDSON WO, SOUSA, JENNYFF L. SILVA; MN A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia** Vol 5(1), 67-72, 2008.
- IVANNISSEVICH A. *Os perigos da automedicação*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 23 jan.1994.
- LIMA, GB; NUNES, LCC; BARROS, JAC de. Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 2011 .
- LOYOLA FILHO, Antônio Ignácio de et al . Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Rev. Saúde Pública** , São Paulo, v. 36, n. 1, 2002 .
- MARTINEZ, José Eduardo et al . Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. **Rev. Bras. Reumatol.**, São Paulo , v. 54, n. 2, abr. 2014 .
- NASCIMENTO MC. *Medicamentos ou apoio à saúde?* Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003
- NETO, J. A. C. Automedicação entre Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Rev**, Juiz de Fora, v.32, n.3, p.59-64, jul./set. 2006.
- PAREDES, Nivia Pinos; MIASSO, Adriana Inocenti; TIRAPELLI, Carlos Renato. Consumo de benzodiazepínicos sem prescrição médica entre estudantes do primeiro ano da escola de enfermagem da Universidade de Guayaquil, Equador. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. spe, Aug. 2008 .
- RIBEIRO, Maria Isabel, OLIVEIRA, Alexandrina, SILVA, Hugo *et al*. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. **Rev. Port. Sau. Pub.** [online]. 2010, vol.28, no.1 [citado 18 Abril 2011], p.41-48. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252010000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0870-9025.
- RIEDEMANN G, PABLO J; ILLESCA P, MA; DROGHETTI R, Jacqueline. Automedicación en individuos de la Región de la Araucanía con problemas musculoesqueléticos. **Rev. méd. Chile**, Santiago, v. 129, n. 6, jun. 2001 .
- SÁ MB, BARROS JAC, OLIVEIRA SÁ MPB. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro – PE. **Rev Bras Epidemiol**, 2007.
- SÁIZ, PG, BOZAL FF, FERNÁNDEZ, FG, SÁNCHEZ, CS. Estudio sobre Automedicación en Población Universitaria Española. **Rev clín med fam**, 2010; 3 (2): 99-103.
- SANTOS, Thalyta Renata Araújo et al . Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 47, n. 1, fev. 2013 .
- SAWALHA AF. A descriptive study of selfmedication practices among Palestinian medical and nonmedical university students. **Res Social Adm Pharm**. 2008:164-72
- SCHMID, Bianca; BERNAL, Regina; SILVA, Nilza Nunes. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 6, dez. 2010.
- SCHENKEL EP. *Cuidado com os medicamento*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 1991
- SHANNON E; MCGETTIGAN, KA, EDELSTEIN, PH. Specificity of ertapenem susceptibility screening for the detection of *Klebsiella pneumoniae* carbapenemases (KPC) **J. Clin. Microbiol**, 2009.
- SERVIDONI, AB et al . Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.** , São Paulo, v. 72, n. 1, 2006.
- TOMASI E, SANT'ANNA GC, OPPELT AM, PETRINI RM, PEREIRA IV, SASSI BT. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da

rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Rev Bras Epidemiol** 2007;10(1):66-74.

VILARINO JF, SOARES IC, SILVEIRA CM, RODEL APP, BORTOLI R, LEMOS RR. Perfil da automedicação em Município do Sul do Brasil.

Rev Saúde Pública RS 1998;32(1):43-9

VILARINO, J F. et al . Self-medication profile in a city in South Brazil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 1, 1998 .

World Health Organization 1989. Guidelines for the medical assessment of drugs for use in selfmedication. Copenhagen.

Boletim Informativo Geum • Informative Geum Bulletin
Graduação em Ciências Farmacêuticas – U
<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/geum>